

## **Profissão Repórter: interseções entre o documentário e a grande reportagem<sup>1</sup>**

Fernanda Valéria de CASTRO<sup>2</sup>  
Julyana LOURENÇO<sup>3</sup>  
Thaís BRITO<sup>4</sup>  
Georgia da CRUZ<sup>5</sup>  
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

### **RESUMO**

Neste artigo, busca-se analisar como o programa Profissão Repórter dialoga com os gêneros do jornalismo e do documentário e sua construção narrativa de grandes reportagens. Também objetiva-se analisar como o programa segue as orientações dos princípios editoriais das organizações Globo, onde está inserido. Para tal, será utilizada para análise a edição de 20 de setembro de 2011 sobre dependentes químicos e sua reabilitação. O artigo conta com conceitos de reportagem, documentário e reflexões sobre o fazer jornalístico.

**PALAVRAS-CHAVE:** telejornalismo; documentário; Profissão Repórter; reportagem.

### **INTRODUÇÃO**

O programa Profissão Repórter é exibido na programação da Rede Globo às terças-feiras desde maio de 2008. A proposta inicial surgiu como um especial do Globo Repórter em abril de 2006, passando a ser um quadro no programa Fantástico a partir de maio do mesmo ano. Sob orientação do jornalista Caco Barcellos e direção de Marcel Souto Maior, o quadro trazia o trabalho de jovens repórteres na elaboração de notícias e tinha duração média de doze minutos. 48 reportagens foram ao ar no Fantástico seguindo o conceito da mescla entre conteúdo jornalístico e bastidores da apuração.

Em 2007, o Profissão Repórter continuava no Fantástico, mas ganhou edições com 40 minutos de duração nas noites de quinta-feira, tendo exibido cinco programas especiais.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – VII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UFC, e-mail: [fernandavaleria.teixeira@gmail.com](mailto:fernandavaleria.teixeira@gmail.com).

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UFC. Bolsista do Programa de Educação Tutorial do Curso de Comunicação Social da UFC (PETCom), e-mail: [jullylourengo@alu.ufc.br](mailto:jullylourengo@alu.ufc.br).

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UFC. Bolsista do Programa de Educação Tutorial do Curso de Comunicação Social da UFC (PETCom), e-mail: [thaismendonca6@gmail.com](mailto:thaismendonca6@gmail.com).

<sup>5</sup> Orientadora do trabalho. Ex-Professora do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UFC, e-mail: [georgia.cruz.pereira@gmail.com](mailto:georgia.cruz.pereira@gmail.com).

Desde 2008, o programa tem média de 25 minutos de duração e conta com mais recursos para a produção das reportagens.

A abordagem do programa se utiliza de uma mescla de gêneros, em que jornalismo investigativo, documentário e entretenimento se unem para a construção de narrativas sobre os protagonistas do cotidiano. A experiência do jornalismo da Globo com o documentário remete ao início do Globo Repórter, na década de 70, que contava com uma equipe fixa de documentaristas. A mescla entre o entretenimento e o jornalismo investigativo faz parte do conceito do Fantástico, revista eletrônica que surgiu no mesmo ano do Globo Repórter, com o objetivo de informar e entreter com uma grande variedade de temas. Segundo Arantes (2010), os dois programas inauguram a linha investigativa nas atrações televisivas no Brasil.

Estudos anteriores analisam o hibridismo presente na constituição do Profissão Repórter. Ferreira (2009) relaciona *infotainment*<sup>6</sup> e telejornalismo para tecer sua pesquisa sobre as estratégias de endereçamento do programa. O autor apresenta a fusão entre informação e entretenimento como possibilidade de agregar um conhecimento que se torna atrativo ao público, apoiando-se na perspectiva de um jornalismo capaz de conciliar seus valores e procedimentos à dimensão do prazer da audiência. O Profissão Repórter aparece como um produto jornalístico que foge à apuração das *hard news*<sup>7</sup>, focando em temáticas mais aprofundadas e aproximando-se do formato das grandes reportagens, construindo personalizações de perfis e realizando coberturas multiangulares de uma grande pauta em comum a cada edição.

Silva e Oselame (2011) põem em destaque a figura central de Caco Barcellos e seu diálogo com o programa e a equipe de repórteres, assumindo o trânsito entre gêneros do telejornalismo e do *reality show*. A presença de Caco no programa é tida como garantia da qualidade do jornalismo produzido no Profissão Repórter, dada sua trajetória como profissional reconhecido na Globo. Sua dinâmica com as coberturas no início de cada edição, figurando como uma espécie narrador onisciente, e seu papel de mentor para os jornalistas recém-formados conferem à atração caráter de treinamento para os profissionais que entram em contato com os desafios da reportagem.

Atualmente o programa conta com uma equipe de nove repórteres e três repórteres cinematográficos, além de uma equipe de dezoito profissionais divididos entre as funções de editor, editor executivo, editor de texto, editor de imagens, editor de Internet, finalização,

---

<sup>6</sup> *Infotainment*, do inglês, ou infotainment é o neologismo criado para o destaque dado na articulação entre informação e entretenimento no contexto midiático.

<sup>7</sup> Linha editorial que prioriza notícias e coberturas mais densas. Notícias fortes, com fatos mais atuais.

chefe de reportagem, técnico e editor de arte. Em 2009, o programa ganhou como integrante de cenário uma sala de redação, na qual Caco Barcellos dialoga com os repórteres sobre o material trazido por eles dos cenários dos acontecimentos, que predominam na atração, partindo da premissa de que a reportagem se faz quando se vai para as ruas, pois “é lá que as coisas acontecem, a vida se transforma em notícia”. (KOTSCHO, 2000, p. 12). O telespectador acompanha os “bastidores da notícia” conforme a chamada do programa. As cenas na sala de redação, porém, são timidamente utilizadas nas edições, que ultimamente tem voltado o foco para os conteúdos jornalísticos da pauta.

O telejornalismo presente no programa diferencia-se daquele mostrado nos telejornais factuais da programação da Globo. A abordagem difere ao retratar temas com maior profundidade numa montagem em que diferentes aspectos da notícia aparecem simultaneamente para o telespectador. Além dos fatos noticiados, aspectos da mediação se fazem transparentes ao público, agregando valor de realidade ao que é veiculado no produto final das reportagens.

A análise do presente artigo pretende identificar pontos de interseção entre o documentário e o jornalismo produzido no Profissão Repórter. As características do documentário e seus subgêneros serão abordadas, bem como as técnicas de constituição da grande reportagem e o encontro entre as duas linguagens. Como objeto de análise, tomaremos a edição veiculada no dia 20 de setembro de 2011, que retratou a luta de dependentes químicos para se libertarem das drogas e do alcoolismo. As fontes foram acompanhadas durante meses por Caco Barcellos e pelos repórteres Thiago Jock e Gabriela Lian. A edição em questão retomou personagens de programas anteriores, visto que o crack tinha sido temática para outras reportagens em 2007, 2009 e 2010. Ainda na análise do Profissão Repórter, discutiremos aspectos do Código de Ética dos jornalistas e dos princípios editoriais das organizações Globo, divulgados no dia 6 de agosto de 2011.

## **FORMATO DO DOCUMENTÁRIO E PROFISSÃO REPÓRTER**

O Profissão Repórter, apesar de ser considerado um programa jornalístico, apresenta semelhanças com o formato de documentário. Não é tarefa fácil definir os aspectos formais que enquadram narrativas dentro da perspectiva deste gênero. É comum a identificação dele a partir da nomeação de documentário pelo próprio cineasta do filme. Certamente, se a Rede Globo de Televisão assim se pronunciasse, essa identidade já estaria reconhecida e efetivada. Essa seria uma das possibilidades de identificação.

Para Nichols (2009), a definição de documentário não passa pela simples semântica de um verbete. Há uma complexidade que leva a definição para os campos da relatividade e da comparação com outros gêneros. Isso porque ele não segue um conjunto rígido de regras. Embora essas características existam e a identificação delas possam garantir a rotulação, nem sempre um filme dessa categoria possui todas elas. Às vezes, tem mais características de um outro gênero, como é o caso do Profissão Repórter, que tem características bem próximas do jornalismo.

Além disso, não basta a exposição dos aspectos formais, a identificação, como diz Nichols (2009), o contexto onde o documentário é exibido também é relevante para identificá-lo. A Rede Globo não tem em sua programação a exibição desse gênero, sua grade tem mais formatos jornalísticos, o que faz com que o espectador entenda o Profissão Repórter como um programa jornalístico.

Nichols apresenta uma forma de identificação do documentário: “Pressupomos seu *status* de não ficção e a referência que faz ao mundo histórico que compartilhamos, e não a um mundo imaginado pelo cineasta”. (NICHOLS, 2009, p. 50). De fato, mas a notícia, a reportagem também compartilham desse aspecto, além disso um filme ficcional, também, pode ter como base o mundo histórico compartilhado.

Outra forma de classificar é por meio da crença na realidade representada. “A crença é encorajada nos documentários, já que eles frequentemente visam exercer um impacto no mundo histórico e, para isso, precisam nos persuadir ou convencer de que um ponto de vista ou enfoque é preferível a outros”. (NICHOLS, 2009, p. 27). A narrativa é construída para nos convencer de algo com base em uma realidade que o espectador partilha no mundo histórico. A narratividade segue uma lógica argumentativa fundamentada no mundo histórico que atesta sua especificidade de gênero.

São inúmeros os aspectos formais que podem identificar o documentário, entre eles os mencionadas acima e também o resumo deles feito por Nichols:

Há normas e convenções que entram em ação, no caso dos documentários, para ajudar a distingui-los: o uso do comentário com voz de Deus, as entrevistas, a gravação de som direto, os cortes para introduzir imagens que ilustrem ou compliquem a situação mostrada numa cena e o uso de atores sociais, ou de pessoas em suas atividades e papéis cotidianos, como personagens principais do filme. (NICHOLS, 2009, p. 54).

As características apresentadas dão forma aos subgêneros do documentário. Cada uma sendo mais específica de um modo do que de outro, revelando as convenções de cada

um. Neste trabalho aborda-se apenas aqueles que forem relevantes na análise do nosso objeto: o Profissão Repórter do dia 20 de setembro de 2011. Nessa perspectiva de análise serão abordados os subgêneros participativo e reflexivo, pois se revelam mais evidentes.

Apresentando o modo reflexivo, Nichols (2009) diz que este apresenta os processos de construção do documentário. A forma como ele será realizado – o próprio fazer – entra em questionamento. No início da edição em análise, Caco Barcellos apresenta a forma como a narrativa será construída. Ele diz: “Dois meses na vida de um menino. Cinco meses na vida de um casal. Marina, em dezembro e hoje. O Profissão Repórter acompanhou por um longo período, a vida de brasileiros que lutam para vencer a dependência do álcool e das drogas”. Nesse início, percebe-se que ele apresenta a forma de realização do documentário, as personagens, e o assunto. Também percebe-se que ele apresenta as três personagens em particular para atingir um geral: os brasileiros dependentes químicos. Quando faz isso, o jornalista ganha a cumplicidade do telespectador devido ao aspecto de sinceridade que Caco estabelece com ele. É nesse momento, no documentário, que se estabelece uma negociação entre espectador e cineasta, no caso o repórter.

Um outro momento em que se questionam os métodos de realização acontece nos bastidores, nos quais Caco e a repórter Gabriela discutem a melhor maneira de abordar Marina sobre sua homossexualidade. Quando vemos a cena em execução, ou seja, quando a repórter Gabriela faz a abordagem, percebemos a acuidade com que a cena é construída, destacando imagens de detalhes – mãos, olhos, boca – e o recurso dos planos de detalhes e primeiro plano, que são planificações psicológicas. Uma outra maneira de apresentar a forma de realização é por meio da narração dos repórteres, que explicam as abordagens feitas por eles. Esse aspecto reflexivo é recorrente em outras edições e faz parte da ideologia do programa, que é acompanhar os bastidores da notícia.

A contagem do tempo que aparece na tela tem, também, um caráter explicativo do processo de realização, contextualiza o telespectador do período de contato entre os repórteres e as personagens, o que é mais uma característica do modo reflexivo.

Nichols faz uma explanação daquilo que caracteriza o modo participativo. Fala da participação e do envolvimento do cineasta na realidade apresentada. Ele deixa de ser uma voz objetiva e isenta para ser testemunha ativa da ação. Quando não faz isso participando do cotidiano das personagens, o faz por meio de entrevistas nas quais se pode ouvir sua voz ou perceber sua interferência, em seguida, define:

Quando assistimos a documentários participativos, esperamos testemunhar o mundo histórico da maneira pela qual ele é representado por alguém que nele se engaja ativamente, e não por alguém que observa discretamente, reconfigura poeticamente ou monta argumentativamente esse mundo. (NICHOLS, 2009, p. 162).

Na edição em análise, vê-se essa participação quando os repórteres e, não o cineasta, passam a acompanhar o cotidiano de três personagens dependentes químicos em recuperação. Sanção, Marina e uma criança, que não tem o nome revelado, assim como sua imagem por completo. Elas serão acompanhadas em suas tentativas de deixar o vício por meio da internação.

Esse é o tipo de filme que na linguagem cinematográfica também se conhece por *cinema verdade*. “A ideia enfatiza que essa é a verdade de um encontro em vez da verdade absoluta ou não manipulada”. (NICHOLS, 2009, p. 155). O envolvimento faz parte do processo de criação e realização. É expressada a interação que ocorre entre personagem e cineasta. O objeto em análise apresenta o envolvimento dos repórteres com as personagens em alguns momentos, inclusive, intervindo na condução da realidade, sendo mais notório nos casos das personagens Marina e as crianças internas.

A história da criança tem início em outra reportagem na qual o cinegrafista do Profissão Repórter está envolvido. Na ocasião, o menino havia cuspidido nele. Fica claro que este fato motivou a escolha da personagem. O repórter que acompanha a criança se envolve emocionalmente no contexto histórico da personagem. Em um outro momento, o seu envolvimento é interventivo. Durante o processo de acompanhamento, o repórter descobre que a criança sofre com a ausência da mãe. Uma funcionária tenta em vão falar com esta ao telefone. A criança também tem suas tentativas frustradas. Então o repórter intervém e liga para falar com a mãe, tentando persuadi-la a encontrar o filho. A ação não resultou na visita da mãe, como todos queriam, mas deixou clara a intervenção do repórter, característica do modo participativo.

No caso de Marina, a repórter se envolve com a história e também é convidada pela personagem a uma participação mais ativa. No início do programa, fica claro que o caso de Marina é a motivação principal da abordagem. O caso dela foi apresentado em um outro episódio do programa e promoveu a comoção do dono de uma clínica, que ofereceu a internação. Na apresentação, vemos que essa história é mais completa e tem uma duração de tempo maior. Marina tem seus passos acompanhados desde a ida, no primeiro dia, à clínica.

Três momentos são representativos da participação da repórter. O primeiro é quando a personagem fica nervosa e Gabriela a segue. Só são mostradas imagens do momento que a personagem se irrita, mas não do contato dela com a repórter, mostrando que foi possivelmente um ato impulsivo, interventivo. Nichols explica bem essa participação: “A sensação da presença em carne e osso, em vez da ausência, coloca o cineasta 'na cena’”. (NICHOLS, 2009, p. 155).

No último dia de Marina na clínica, no momento de uma manifestação religiosa, a personagem agradece a repórter pela participação na história, dando a entender que a presença dela foi relevante no tratamento da personagem. Em seguida, Marina a convida a participar da celebração, o que é aceito prontamente.

Nas últimas cenas de Marina, em que a repórter a procura para entender o porquê de sua falta ao trabalho e descobre que a a personagem se envolveu novamente com drogas, a repórter faz uma declaração que ilustra bem a junção dos dois modos: reflexivo e participativo: “a gente mostra esse momento para ninguém achar que é fácil, essa saída das drogas, da dependência química”. Percebe-se, portanto, a apresentação do o processo de realização e a interpelação opinativa sobre o fato.

## **A GRANDE REPORTAGEM NO PROGRAMA**

A grande reportagem é o formato de produção jornalística presente no Profissão Repórter. Como produto telejornalístico, o programa é construído pela mediação de fatos com o objetivo de transmitir a realidade ao telespectador. Uma das diferenças entre o programa e os telejornais da mesma emissora é a abordagem dada aos fatos. Os telejornais trabalham com notícias, que são geralmente mais curtas, contam com pouco tempo entre apuração e veiculação e tratam de acontecimentos ligados à atualidade, ou seja, lidam com eventos factuais. Já o Profissão Repórter produz reportagens, que buscam aprofundar temáticas. Não existe a relação com o factual, mas com a contextualização de um tema, pois

na reportagem, ao contrário do que acontece na notícia, o jornalista esclarece o acontecimento, estuda e investiga o tema. Ele escolhe um ângulo particular de abordagem do acontecimento, personaliza a informação e restitui-a de forma diferente. (TEIXEIRA, 2009, p. 15).

A reportagem pode trabalhar acontecimentos de outras épocas sem a urgência das chamadas *hard news*. “A notícia é então um acontecimento temporal determinado pelo

tempo que perde actualidade, a grande reportagem estende-se no tempo e não está presa ao conceito de actualidade”. (TEIXEIRA, 2000, p. 16).

Na edição em análise, as equipes de reportagem acompanharam suas fontes meses antes da veiculação do produto final. A repórter Gabriela Lian iniciou sua reportagem em dezembro de 2010. Dois meses depois, a repórter registrou o encontro de Marina e seu pai, que não a via desde o dia da internação. Em junho de 2011, Gabriela retornou à clínica para acompanhar como estava sua personagem após seis meses de reabilitação. No dia 20 de setembro, o dia de exibição do programa analisado, Marina foi encontrada em outra clínica, fato que finalizou a reportagem. Foram nove meses desde o primeiro registro até o produto final.

Também em São Paulo, Caco Barcellos contou a história de Sanção na luta contra o alcoolismo. A reportagem tem início na clínica de reabilitação, de onde Sanção sairia cinco dias depois. Dois dias após a saída da clínica, Caco acompanha o operador de sistemas na sua volta ao trabalho depois de um tratamento de dois meses. Após três meses, o repórter vai à casa de Sanção para acompanhar sua nova vida fora do vício.

A terceira reportagem do programa mostra o repórter Thiago Jock em visita a um abrigo para a internação de menores com dependência química no Rio de Janeiro. O primeiro registro aconteceu com dois meses de antecedência. O maior tempo dedicado à produção e ao acompanhamento dos fatos é característico da grande reportagem. Para Ricardo Kotscho, jornalista que dividiu sua experiência sobre a produção em jornais impressos,

um bom perfil pode ser feito em apenas algumas horas, se for um assunto do dia, que exija urgência. Ou levar mais de um mês para ser concluído, como acontecia na revista *Realidade*, que ia ouvir dezenas de pessoas que pudessem fornecer mais elementos sobre o personagem central. (KOTSCHO, 2000, p. 42).

A grande reportagem requer mais investimento, tanto do repórter quanto da empresa que financia a reportagem. “A grande reportagem rompe todos os organogramas, todas as regras sagradas da burocracia – e, por isso mesmo, é o mais fascinante reduto do Jornalismo, aquele em que sobrevive o espírito de aventura, de romantismo, de entrega, de amor pelo ofício”. (KOTSCHO, 2000, p. 80).

Os temas de cada edição do Profissão Repórter assumem a perspectiva da grande reportagem, que ganham angulações diferentes, trabalhadas pelas equipes de repórteres. Segundo Jean-Jacques Jaspers, esta grande reportagem se configura na composição de



várias informações sobre um acontecimento em particular. Teixeira (2009) apresenta as duas características fundamentais de acordo com Jespers: reportagem tópica, ou seja, a que se concentra em uma situação, e reportagem intensiva, que aborda várias faces sobre um assunto tratado de forma mais aprofundada.

Na edição sobre a luta dos dependentes químicos, a grande reportagem se articula na cobertura multiangular, característica geral do programa: o tratamento de Marina, viciada em crack há 13 anos; a reabilitação de Sanção, alcoólatra por 30 anos; e a internação de menores dependentes das drogas. A temática é dividida em três narrativas diferentes que somam ao contexto geral.

O ângulo é para o jornalista o mesmo que a biopsia é para o biólogo ou a amostra para o geólogo. Apenas uma pequena parte do tecido ou do subsolo é estudada. É selecionada de maneira a dar uma ideia global do conjunto e analisada sob todas as suas facetas. (SOUSA, 2003, apud TEIXEIRA, 2009, p. 20).

As narrativas personificadas são recorrentes no programa e fazem parte da construção de perfis nas reportagens. O repórter analisa a vida de uma ou mais personagens para abordar uma questão mais abrangente, universalizando sua problemática e gerando identificação com o telespectador. A evolução de Marina é visível no desenrolar da reportagem como uma protagonista do cotidiano. Ela é mostrada inicialmente abatida pela abstinência do crack, resolvida a largar o vício. Depois, aparece com melhor aspecto físico e uma boa convivência durante o tratamento. Em seu último dia na clínica, ela se emociona ao deixar uma parte do passado e comemora uma nova etapa na vida. Ao final da reportagem, porém, assume que voltou ao consumo da droga, admitindo ter cometido um erro e prometendo continuar a lutar contra a dependência. As histórias focadas em Marina, Sanção e nos menores internos são amostras suficientes de um número bem maior de pessoas que enfrentam os desafios da reabilitação. O telespectador não depreende que aquela temática se aplica apenas àquelas pessoas, mas se aproxima de exemplos concretos de uma realidade abordada constantemente nas notícias dos telejornais de forma superficial e apressada.

## **INTERSEÇÕES ENTRE OS GÊNEROS REPORTAGEM E DOCUMENTÁRIO**

No Profissão Repórter, encontram-se alguns aspectos que são comuns tanto na abordagem jornalística quanto no gênero documentário. Os dois são representações de uma

realidade com base no mundo histórico, e se propõem a apresentar uma verdade que com a qual o espectador se identifica ou a compartilha com o cineasta e repórter.

Nos dois, temos a presença da *voz-over* ou *off*, que destacam o afastamento dos fatos e apresentam uma verdade incontestável. Temos que “o comentário em *voz-over* parece literalmente 'acima' da disputa; ele tem a capacidade de julgar ações no mundo histórico sem se envolver nelas”. (NICHOLS, 2009, p. 144). A *voz-over* corresponde à voz em *off* na reportagem ou notícia, ressaltando que a *voz-over* não é representada por ninguém, enquanto na narração jornalística, o repórter faz a sua assinatura. No caso em análise, quem mais se aproxima dessa *voz-over*, com representações mais distanciadas da verdade representada, é a voz de Caco Barcellos, que expõe as histórias, as personagens e o processo de realização do programa.

Outro interseção é a realização de entrevistas que acontecem nos dois gêneros. No documentário, a entrevista é mais característica do modo participativo, já mencionado anteriormente. Carlos explica que característica a entrevista tem no documentário, diferindo do telejornalismo:

Cabe ressaltar ainda que a tomada de depoimentos não é uma conversa entre pessoas que não se conhecem. A escolha dos entrevistados – exceto talvez nos casos chamados “fala povo”, típicos do telejornalismo – se dá justamente pela riqueza de histórias e detalhes que a personagem pode contar. Se ela não conhece o documentarista, o documentarista a conhece e irá conduzir o diálogo para registrar as melhores histórias, as reações mais inusitadas, dentro do ponto de vista que defende. Afinal, a entrevista não serve de ferramenta para extrair a verdade do outro. Há uma verdade compartilhada, construída na interação, proposta pela fala do entrevistado e conduzida pelas perguntas (durante o processo) e pela edição do autor (posteriormente). (CARLOS, 2004, p. 7).

É isso que se vê no Profissão Repórter. As personagens são escolhidas e as entrevistas são conduzidas para constatar uma realidade, da qual a produção do programa já tem consciência. As formas das entrevistas estão, portanto, mais próximas do formato documentário.

## **PROFISSÃO REPÓRTER E PRINCÍPIOS EDITORIAIS DAS ORGANIZAÇÕES GLOBO**

Como todo programa da Rede Globo de Televisão, o Profissão Repórter segue a mesma padronização editorial das demais produções jornalísticas desta emissora. Mais precisamente, no que explicita o documento *Princípios Editoriais das Organizações Globo*<sup>8</sup>,

<sup>8</sup> Disponível no site do Profissão Repórter: <http://g1.globo.com/profissao-reporter/>.

que deixa evidente a intenção de apenas indicar, mesmo que incisivamente, alguns direcionamentos a respeito dessa pretendida uniformidade, não sendo efetivamente um código nem um Manual de Redação.

Além de conter uma breve definição de Jornalismo, esse postulado, como o mesmo se refere, é dividido em três seções, a saber: I) Os atributos da informação de qualidade; II) Como o jornalista deve proceder diante das fontes, do público, dos colegas e do veículo para o qual trabalha; e, por último, III) Os valores cuja defesa é um imperativo do Jornalismo.

Com base neste documento, analisaremos brevemente o programa Profissão Repórter. São três histórias, três reportagens. Assim é explorado o conteúdo dentro do Profissão Repórter, somando-se, ainda os vídeos dos bastidores da produção e edição das matérias. Nestes vídeos, o apresentador Caco Barcellos dialoga, junto com a sua equipe de repórteres ou com apenas um deles, especificamente, detalhes do fazer jornalismo: seja sobre questões de ética profissional, seja apontamentos sobre o olhar jornalístico diante de um fato, de um personagem.

Nos princípios editoriais da Globo, se descreve “[...] o jornalismo como uma atividade que produz conhecimento. Um conhecimento que será constantemente aprofundado, primeiro pelo próprio jornalismo, [e] em reportagens analíticas de maior fôlego [...]”, o que compete aqui com as grandes reportagens realizadas pelo Profissão Repórter. É sob esse viés que o programa expõe as suas narrativas, “[...] vai se adensando ao longo do tempo, com fatos que vão sendo descobertos, investigações que vão sendo feitas, personagens que resolvem falar”.

Nos quesitos que correspondem à primeira parte do documento, o primeiro tópico contemplado pelo Profissão Repórter é o de isenção. Tendo o entendimento, claro, de que o exercício jornalístico beira um certo teor de subjetividade em suas produções. Isto está resguardado no postulado em questão, quando diz: “[...] é impossível que alguém possa se despir totalmente do seu subjetivismo. Isso não quer dizer, contudo, que seja impossível atingir um grau bastante elevado de isenção”.

No entanto, Barbeiro e Lima, em o *Manual de Telejornalismo*, reforçam que a “[...] isenção jornalística é a melhor forma de passar as informações para que o telespectador possa tirar suas próprias conclusões do fato relatado”. (BARBEIRO; LIMA, 2005, p. 67). Não obstante, no livro *Jornalismo de TV*, de Luciana Bistane e Luciane Bacellar, a profissão de repórter é posta como desafiadora, já que é preciso relatar as histórias com precisão e síntese.

O repórter é um contador de histórias. Histórias com personagens reais, que nem sempre terminam bem. Há enredo, protagonistas, hora e local onde se desenrolam os fatos, e também um motivo. Trata-se do lead, com as perguntas indefectíveis: como, onde, quando, quem e por quê. (BISTANE; BACELLAR, 2006, p. 13).

Com ressalvas, o que é feito no Profissão Repórter enfatiza mais as impressões dos repórteres, do que a pura demonstração da realidade encontrada por estes. Em linhas gerais, a grande reportagem, comentada anteriormente, tem um faro mais aprofundador das coisas, em consequência:

Na apuração, edição e publicação de uma reportagem, seja ela factual ou analítica, os diversos ângulos que cercam os acontecimentos que ela busca retratar ou analisar devem ser abordados. O contraditório deve ser sempre acolhido, o que implica dizer que todos os diretamente envolvidos no assunto têm direito à sua versão sobre os fatos, à expressão de seus pontos de vista ou a dar as explicações que considerar convenientes. (Princípios Editoriais das Organizações Globo).

Enquanto o programa demonstra imparcialidade nas histórias que conta, nota-se, porém, uma determinada interferência e preocupação dos repórteres em buscar o lado emocional das personagens. Os repórteres se tornam quase parte do cenário retratado.

O segundo tópico é o de correção, isto é, o que confere credibilidade ao trabalho jornalístico. Nesse aspecto, o Profissão Repórter intenta ser o mais crível e transparente para com os seus espectadores, haja vista as reportagens com reflexões bem elaboradas, e com apuração correta das informações. “O jornalista investiga os fatos, pouco a pouco, e vai montando um quebra-cabeça. O retrato final estará ainda incompleto, à espera da História, mas terá de ser já, necessariamente, uma silhueta com contornos visíveis”, propõe o texto com os princípios seguidos pelo programa.

O que já emplaca o terceiro e último ponto da Seção I, o de agilidade. É com este termo de “quebra-cabeça” que o Profissão Repórter ganha dinamicidade, ganha vida. Além de se prezar pela qualidade jornalística, é imprescindível que a informação sobre os acontecimentos seja digerida com rapidez. O percurso da história que se narra não pode entrar em desalinho, ou seja, o jornalista tem que apreender-se do todo dos fatos, e com eficiência. “É a celeridade com que traça o primeiro retrato dos fatos que ao mesmo tempo dá utilidade à produção jornalística e justifica as suas lacunas”, apresenta o texto supracitado.

Partindo agora para a segunda parte do documento, chega-se aos ditos e pressupostos quanto à atuação jornalística perante as fontes, o público, os colegas e o veículo de comunicação para o qual trabalha. O primeiro ponto, referente às fontes, aborda a importância de o jornalista fazer e manter boas relações com as fontes, com as personagens, “[...] ou a máscara do jornalista, [que] tem grande influência no exercício da profissão. [...] a maneira como se apresenta a elas [as fontes] é um elemento decisivo para que consiga as respostas para as perguntas que tem a fazer”. (CURADO, 2002, p. 174). Para tanto, a autora ainda elenca: ouvir as opiniões com mente aberta; conquistar o respeito ou a confiança do interlocutor; ter paciência, humildade, autoridade; prestar atenção nos detalhes que envolvem o acontecimento e a(s) fonte(s) envolvida(s); além de manter a perspectiva, o foco, o prumo, o equilíbrio. Algo que é pertinente no Profissão Repórter, pois o programa atualiza o contexto de algumas histórias já exibidas antes, momento em que os repórteres retomam os “laços” com a fonte, de modo a religar os fatos de forma satisfatória, apesar de o programa mostrar, por vezes, ineficácia em relação às fontes, no que diz respeito à produção em si.

Sobre a relação com o público, os princípios editoriais destacam sobretudo que:

Cada veículo tem um público-alvo e deve agir de acordo com as características dele, adaptando a elas pauta, linguagem e formato. [...] [e] a linguagem e o formato não devem ser rebuscados a ponto de afastar os menos letrados nem simplórios a ponto de afastar os mais instruídos.

O Profissão Repórter é um exemplo pontual disso. Basta perceber o uso da linguagem simples em seus programas, com um jornalismo mais próximo do coloquial. Atentando-se, ainda, para a sensibilidade dos eventos, a questão da responsabilidade social, o destaque para informações relevantes, a privacidade das pessoas e o uso de microcâmeras e gravadores escondidos, sendo estes últimos recursos utilizados quando necessário.

Na relação com os colegas da área, vale expor estas principais indicações, constantes nos princípios editoriais da Globo:

- a) De jornalistas de um mesmo veículo das Organizações Globo, espera-se espírito de colaboração. Todos numa redação têm de cooperar entre si, para que o trabalho seja o melhor possível;
- b) Os envolvidos numa mesma reportagem – da apuração à edição – são responsáveis por sua qualidade. Devem agir como revisores uns dos outros, para bem do trabalho;

c) Os jornalistas não devem nunca se furtar de opinar sobre reportagens que estejam sendo feitas por colegas, criticando, sugerindo, ajudando a encontrar caminhos. A decisão de publicar ou não uma reportagem, e de como tratá-la, é do editor responsável por ela, mas ele errará se menosprezar a opinião de colegas de qualquer nível hierárquico. Errará ainda mais quando se conduzir de tal modo que iniba os jornalistas a opinar ou ponderar a respeito do que está sendo feito. Vale sempre repetir: jornalismo é uma obra coletiva, e terá tanto mais êxito quanto mais pessoas participarem do processo;

Tais direcionamentos casam perfeitamente com o intuito do Profissão Repórter, que tem como lema: “Os bastidores da notícia, os desafios da reportagem”. Nessa perspectiva, Caco Barcellos, apresentador do programa, é quem comanda o compartilhamento das críticas e sugestões das reportagens produzidas. Assim, torna-se visível o empenho de um trabalho colaborativo.

Agora, diante do veículo para o qual o jornalista trabalha, o documento considera primordialmente a união dos próprios princípios editoriais, que versam uma opinião comum a todos os veículos das Organizações Globo. Ademais, preza a lealdade dos jornalistas com os veículos que atuam. “[...] os jornalistas são em grande medida responsáveis pela imagem dos veículos para os quais trabalham e devem levar isso em conta em suas atividades públicas, evitando tudo aquilo que possa comprometer a percepção de que exercem a profissão com isenção e correção”, são os argumentos enviados pelo Profissão Repórter. Aliado a isso, acrescenta-se também a participação dos jornalistas em plataformas da Internet, o sigilo sobre as fontes e a proteção a jornalistas da Organização. A Internet é um ambiente de referência para o Profissão Repórter, dado que o programa possui um *site*<sup>9</sup> e um *blog*<sup>10</sup>, espécie de blog da redação.

Por fim, a última seção dos princípios editoriais da Globo trata de valores como sendo de responsabilidade tanto dos limites dos jornalistas quanto das empresas de comunicação do país, são eles: “[...] a democracia, as liberdades individuais, a livre iniciativa, os direitos humanos, a república, o avanço da ciência e a preservação da natureza”. O que vai ao encontro do exercício jornalístico observado no Profissão Repórter, movido não só por limites, mas por desafios.

## CONCLUSÃO

O programa Profissão Repórter traz o hibridismo de um produto jornalístico que elabora grandes reportagens com fortes características do documentário. Precisar se o

---

<sup>9</sup> <http://g1.globo.com/videos/profissao-reporter>.

<sup>10</sup> <http://g1.globo.com/platb/programaprofissaoreporter>.

programa pertence a um gênero ou outro reduz as possibilidades de análise, visto que os elementos estão intimamente ligados em sua construção. Os repórteres assumem papel de jornalista e documentarista quando retratam fatos numa abordagem mais estendida que a da notícia e preparam a reportagem nos modos participativos e reflexivos do documentário.

Com mais tempo, mais recursos e mais reflexão, as equipes de reportagem se dividem para montar uma pauta em formato de “quebra cabeça”, com uma montagem que dispõe a evolução de três ângulos de um mesmo tema simultaneamente. A preocupação jornalística com a grande reportagem se traduz no trato com as fontes e na elaboração de perfis, sendo estas narrativas impregnadas da linguagem do documentário, que confere ao programa um diferencial na grade de programação da Globo.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, Haydêe Sant' Ana. **Profissão Repórter: os desafios da nova reportagem investigativa na TV**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. 1104-1. Juiz de Fora: Intercom, 2010. p. 1 – 14.

BARBEIRO, Heródoto.; LIMA, Paulo. R. de. **Manual de Telejornalismo, Os Segredos da Notícia na TV**. Rio de Janeiro. Campus Elsevier, 2005.

BISTANE, Luciana.; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

CARLOS, Maíra de Brito. **A Problemática da Entrevista e do Depoimento no Documentário Brasileiro**. Recife: PPGCOM – UFPE, 2004.

CURADO, Olga. **A Notícia na TV, O dia-a-dia de quem faz Telejornalismo**. São Paulo: Alegro, 2002.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

MARINHO, Roberto. I.; MARINHO João. R.; MARINHO, José. R. **Princípios Editoriais das Organizações Globo**. Disponível em <<http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.html>> Acesso em 23 Set 2011.

NICHOLS, Bill. Trad. Martins, Mônica Saddy. **Introdução ao Documentário**. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

SANTOS, Thiago Emanuel Ferreira Dos. **Infotainment e telejornalismo: as estratégias de endereçamento do Profissão Repórter**. 2009. 94 f. Dissertação (Graduação) – Curso de Comunicação Social, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SILVA, Marília; OSELAME, Renato. **Profissão Repórter: um estudo de mudança de formato e trânsito entre gêneros a partir dos modos de endereçamento**. In: ANÁLISE DE TELEJORNALISMO: DESAFIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS, 1., 2011, Salvador. Oselame\_silva. Salvador: Análise de Telejornalismo, 2011. p. 1 – 13.

TEIXEIRA, Clara Manuela Araújo. **A grande reportagem em televisão**. 2009. 61 f. Dissertação (Graduação) – Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2009.